

# A Taiga Siberiana

**Breno Pannia Espósito**

Obra registrada na Biblioteca Nacional  
Registro 326.893 – Livro 599 – Folha 53  
Lavrado em 26 de julho de 2004.

1. A taiga siberiana
2. As raposas
3. Os ursos
4. Os lobos
5. Os leões
6. *Canis domitus*
7. O outro tigre
8. A foca

## 1. A Taiga Siberiana

*No exílio*

Como ter saudades de uma terra desconhecida?  
Como passar a vida buscando o lugar aonde se vai nascer?

O que há no vento frio da noite vazia  
no nada do deserto  
no nada do mar  
no nada da noite

no cheiro dos bosques  
(no próprio nome da palavra “bosque”)  
nos nomes das florestas  
na direção norte  
(no próprio nome da palavra “norte”)  
— o que há, o que lhe pode recordar, uma terra desconhecida?

Por um decreto, se almeja o frio, a vastidão e a noite,  
Ou o entardecer brumoso, pois dentro da neblina tudo pode acontecer.  
O mundo-sonho, a ilha protegida por árvores e gelo, tão perto do fim,  
Onde as estrelas escrevem, com letras de fogo surdo, os seus nomes.  
O poderoso imperador de praias obscuras, das ondas selvagens  
que se desfazem contra a falésia álgida.  
Tudo ali é frio e fascinante.

De noite, é tão claro o limite entre a vida e a morte  
(que apaixonante é a morte!)  
A companhia de carne e sangue com o mesmo destino  
Que pronunciam à noite os nomes mais belos e rudes e indomados  
— donde o fascínio da carne e do sangue da terra desconhecida?

Alma e corpo conhecem suas fronteiras

A mente trabalha ferosa e feliz sobre o indeterminado pelas trevas e névoas  
da terra desconhecida.

Por que todos os sonhos de voar voam para lá?

Por que todas as estradas nascem ali?

Por que o vento é dali?

E o silêncio! Carne e sangue, vento frio, noite escura — silêncio!

Por que o silêncio só existe em uma terra desconhecida?

## 2. As Raposas

Na casa grande moram um pai e seus filhos;  
Não têm o costume de conversar.  
Os filhos não sabem quem é seu pai;  
O pai pensa que é mais um dos irmãos.  
Deles fogem as raposas.

O velho bangalô tivera o seu charme  
Mas agora a poeira vem e fica.  
Um dia finalmente surgiu uma goteira  
E o pai e seus filhos a taparam com uma chapa de aço.  
E olharam o aço e viram que era bom:  
O bangalô foi recoberto de chapas de aço.

Há muitos quartos na casa,  
Tantos quanto sonhos.  
Há tantos andares quanto eras.  
Os corredores são quentes e agradáveis.  
Nem o pai nem os irmãos jamais saíram, porém,  
Pois quando saíssem, seus olhos cobrir-se-iam de nuvens  
E olhariam por trás dos ombros e diriam: “Onde está a minha casa?”

Sempre houve raposas na Casa de Aço.  
Naturalmente, viviam pelos corredores, aquecidos e desertos.  
Embora as portas da rua sempre estivessem abertas,  
As raposas nunca fugiam.  
— Pelo contrário, a cada ano chegavam outras, e outras, e muitas,  
Pois estavam em guerra, e queriam ser tratadas como prisioneiras.

Elas nunca entenderam todas as regras daquela casa.  
Não entendiam porque não conseguiam cavar suas tocas nas paredes de aço,  
Ou porque não lhes permitiam buscar alimento nos sonhos dos moradores.

Algumas vezes um zelador as enxotava, um andar para baixo.

Um dos filhos tentava afastá-las a pontapés,  
Mas elas fugiam do barro pegado na sola das botas negras.  
Outro tentou golpeá-las,  
Mas a sujeira das suas unhas as atemorizavam ainda mais.  
Outro se pôs a gritar para assustá-las,  
Mas os crimes dissolvidos em sua saliva foram ainda mais eficazes.  
Outro quis capturá-la para os seus sortilégios,  
Mas é difícil capturar uma raposa que já sentiu o cheiro da morte!  
Outro apenas as olhava, ainda sem idéias,  
Mas as raposas sabiam que iriam envenenar-se com o ar.  
Outro as olhava, com olhos miúdos e severos, o peito dolorido,  
Mas as raposas fugiam, porque sabiam que não haviam dado a si mesmas  
o seu pêlo, a sua cauda e os seus olhos.  
Outro ignorou as raposas como tentativa de afastá-las,  
E conseguiu, pois elas tiveram frio, muito frio.

Que a porta permanecesse aberta, era fundamental para as raposas.  
Foi por isso que atacaram, nas poucas vezes em que o fizeram,  
Quando alguém tentou bloquear a saída, que afinal era também a entrada  
dos habitantes.

Pois elas sabiam que depois que entrasse a última raposa  
Chegariam também novos moradores.  
Talvez eles conseguissem remover as chapas de aço.

### 3. Os ursos

Os guardas florestais tinham pouco trabalho.  
De todos os bosques por plantar, guardavam apenas a torre alta  
De madeira velha, com cheiro de tempo e cor de vento,  
Construída no início, num lugar invisível cercado de gelo,  
Sem árvores, sem floresta, apenas água fria com suas crianças sem vida.  
Mas os guardas florestais eram otimistas.

O dono das sementes era um barqueiro  
Que nem sempre fora um barqueiro.  
Qual fosse o seu negócio, desandou quando os ursos chegaram.  
Ele era valente; tentou conversar, fez até propostas,  
Porém só dispunha de sementes — e, ai! Os ursos tinham fome!  
Mas os guardas florestais eram otimistas.

O barqueiro chamou-se tempo, e ergueu sua tapera  
Do outro lado da montanha, na enseada  
Coberta sempre de gelo, pois os homens tardariam  
(com tantos ursos à solta, ocupando cada punhado de terra,  
e no azul carregado do céu, e no azul proibido das águas — não admira!).  
Mas os guardas florestais eram otimistas.

O barqueiro tinha que retornar à terra,  
Pois nem sempre fora um barqueiro,  
Em seu barco de madeira velha, com cheiro de tempo e cor de vento.  
Até que, um dia, aprendeu a pescar  
Corpos lisos, de prata fria — a forma da idéia que sempre tivera.  
O barqueiro convocou os ursos da Corredeira  
E lançou-lhes os peixes.  
O primeiro urso caçou o primeiro peixe  
E o sangue morto porejou e viajou rio abaixo  
Trazendo outros ursos, que caçaram outros peixes.

E o rio de sangue derreteu o gelo — só um pouco, por enquanto.

Mas os guardas florestais eram otimistas,

pois sabiam que o barqueiro nem sempre fora um barqueiro.

#### 4. Os lobos

O prisioneiro em sua cela de paredes quentes  
— donde sempre jorrava sangue.  
O prisioneiro que cumpria sua pena de morte  
— tinha os olhos sempre vendados.  
O prisioneiro reúne os lobos que o servem  
Na cela, e lhes dá sua missão:  
Libertá-lo por um momento, por um dia e uma tarde.

O primeiro vê e percorre o mundo como o dono  
De árvores, ondas e desertos, com fome da esperança do viajante  
Dorme na lava e caça na tempestade.

O segundo vê e ama as nações com seus uniformes de carne  
E as sementes de plástico e a ferrugem da história.  
Dorme nas bandeiras e caça nas mãos.

O terceiro vê e salta dentro dos olhos da alma gêmea  
E uiva socorro pelo corpo, implorando seus abraços.  
Dorme no sangue e caça nos sonhos.

O último lobo tardou em sair — é cego.  
Tomou impulso sobre da cela, e saltou para o céu:  
Um salto que durou eras.  
Pêlos de chama e corpo de fogo  
Foram o dia de mundos por conhecer.  
Calor emprestado — não dado — a outros arquitetos e seus lobos de luz.  
Não dormia nem caçava;  
Apenas ansiava pelo dia em que voltaria  
E deitar-se-ia de novo aos pés do prisioneiro vendado.

## 5. Os leões

Cheiro de vento que carrega a chuva  
Sobre carne e sangue que reclamam contato.  
O filhote se agita ao redor do mais velho  
    com a tristeza da necessidade deste dia,  
    com a alegria da raça e o orgulho que nunca saiu às aventuras,  
    com a sofreguidão de quem é menor que os próprios sentimentos.

Meu irmão! —  
Corro e brinco e roubo o seu cheiro  
que iluminará hoje à noite savanas desconhecidas.  
Trago pedras, insetos e algo de comer  
A ele, meu irmão, meu irmão mais velho!  
A ele, que me trouxe calor e alívio,  
A ele, que me reconheceu quando o deserto me reclamava,  
A ele, que me deu uma vontade a desejar — a sua,  
A ele, que me puniu e me amou,  
A ele, que não tem fome, sede ou sono  
E a savana é a sua paciência!

    Deus, meu Deus, se ao menos ele me despedaçasse e devorasse! —  
    pois então eu sempre o acompanharia!  
    A ele, que não tem medo.

Meu irmão, meu irmãozinho! —  
Que medo, que medo eu tenho!  
(Se ao menos você soubesse!)  
Prestes a ser abandonado pelo vento, o deserto e a chuva,  
Triste pelo dia de hoje que te aguarda no futuro,  
Com uma louca e tardia paixão pelas tuas brincadeiras,  
Já morto de saudades do teu calor e do teu cheiro!  
Medo ancestral de que o vento seja diferente, e de que a chuva seja outra,

Medo do primeiro passo, que é o último neste deserto,  
Medo de encontrar no caminho aquele que criou as aventuras,  
Medo da solidão, o não ter a quem proteger!

Eu parto, irmãozinho, oco de saudades e apreensão  
Com o consolo de quem vai lhe preparar a planície  
Onde você nunca há de crescer,  
Onde rolaremos sobre a areia dura numa louca peleja,  
Onde serei eu quem lhe trarei

pedras, insetos e algo de comer.

## 6. *Canis domitus*

Agora observam com atenção a minha pele e os meus livros

(É a minha vez, e estou só).

Barras de gelo trespassarão minha carne e minha pele por alguns momentos,

Depois se cansarão, e terei permissão para sentar a alma

No solo frio e no ar rarefeito do Palácio de Cristal.

Estou faminto de carne que não é a carne que me servem.

Imploro a misericórdia do tempo.

Necessito de música para vestir-me,

Pois estou nu (é a minha vez, e estou só) e sou lido com um sorriso.

Quando poderei sair?

Minha majestade, as marcas do meu nascimento,

a promessa dos membros relaxados, o equilíbrio dos músculos,

despertaram algum interesse

e já foram esquecidos.

Meu focinho congela, tenho que atendê-lo, mas, paciência!

Não existe fraqueza neste salão.

Não existe dor, não existe saudade, não existe fome, não existe necessidade:

O Palácio de Cristal é maldito por ser invulnerável!

Sua música arranca minha roupa e me faz vomitar;

Minha vida está por um fio, mas não posso recostar-me:

Riso, algum interesse e esquecimento

São muito mais do que eu posso suportar!

Quem aceitará a minha submissão?

## 7. O outro tigre

Quando o vagabundo entrou na floresta, tomou todas as precauções:  
Sujou-se de dias, e de sangue brotando de numerosos cortes e ferimentos  
Que ele mesmo se infligira  
— não fosse que o caçador perdesse a sua pista!  
As pernas cambaleavam depois da queda no poço sem água  
— não fosse que um medo tardio o permitisse fugir!

Quatro dias e quatro noites, e outros quatro dias e noites ele coxeou  
Através da floresta errada.  
De início gritou, mas isso podia assustar o caçador;  
Depois se calou, mas assim ele poderia despistá-lo.  
No dia seguinte encontrou mesa, água e comida,  
E sorriu vexado: mesmo na floresta errada, ele era alimentado!

Ao longo de toda a vida, ele recebeu comida, que lhe dava alento para,  
Por toda a vida, reabrir as feridas.  
Ao longo de toda a vida ele protestou,  
Dizendo que estava pronto, mas a floresta estava vazia:  
Onde os caçadores prometidos?

Apareceu outro homem, um homem como ele, armado.  
Ao vagabundo isso pareceu um equívoco, e tentou fugir,  
Mas já não podia correr; estava fraco e dessangrado,  
Portanto não era um equívoco.  
Ajoelhou-se, e perguntou ao que lhe punha sob a mira,  
“Qual é o teu outro nome?”  
“Tigre”, respondeu o caçador.

## 8. A foca

Fios de água salgada correndo entre pedras sujas de alga,  
Ínfimos peixes perdidos nas poças de maré baixa,  
Um pouco de detrito semi-enterrado na areia:  
Para a foca negra, cansada do mar, a beira da praia era o seu oceano.

Não se preocupar com o ar, com fugir ou caçar  
Num oceano que podia controlar.  
Se n’algum dia seus pelos secassem,  
Seria tão imponente como qualquer besta da terra.  
Não ter que vagar, não congelar, não ter que lutar.  
Assim se lhe afigurava o mundo da areia.

À beira da praia a foca chamou lar,  
Aos mirrados recifes, irmãos,  
Ao lixo, manjar, e fantasiou  
Muitas lágrimas de alegria.

Mas a areia era branca, e a foca era negra.  
A areia era quente e queimava-lhe as patas.  
A areia era fofa e não lhe permitia nadar.  
A areia abrigava pedras, escorpiões, mas não peixes.  
Por mil sinais, a areia lhe dizia  
Que ali não era o lugar.

Depois de eras,  
No dia em que contemplou seu domínio, vomitou  
O estômago vazio e a alma de pesar.  
Duas fomes a beira da praia não podia saciar.  
Três saudades a carne não lhe perdoava – vagar, caçar e lutar.  
A areia sorriu às costas da foca  
Que esperava, apreensiva, a próxima onda.